

## AS CONSTRUÇÕES COM DOIS COMPLEMENTOS NO INGLÊS E NO PORTUGUÊS DO BRASIL: um estudo sintático comparativo\*

Ana Paula SCHER

**RESUMO** *As construções envolvendo verbos que selecionam dois argumentos internos, embora bastante exploradas na literatura gerativista, apresentam, ainda, aspectos bem interessantes que requerem interpretação. Este trabalho é o resultado de um estudo sintático comparativo sobre este tipo de construção no inglês e no português do Brasil falado na Zona da Mata Mineira (PBM). Com dados do inglês e PBM mostro que a ordem V NP NP não representa o mesmo fenômeno nestas duas línguas (ou dialetos). Assim, proponho uma análise diferente das que já foram sugeridas para estas construções no inglês, ou seja, para sentenças com objeto duplo (ODp). Com base nas duas ordens possíveis para os complementos de um verbo bitransitivo, proponho que a ordem V NP NP no PBM resulta da interação de fatores de naturezas distintas. Um deles, sintático, dá origem à ordem V PP NP. Na análise que proponho, a representação sintática para V PP NP será uma estrutura de base da mesma forma que a representação de V NP PP. Juntamente com o fator sintático, entra em ação um fator de natureza morfo-fonológica cuja principal consequência será a queda da vogal (preposição) a.*

**SUMMARY** *The constructions involving verbs which select more than an internal argument have been extensively studied in the field of Generative Linguistics. However, there are still some interesting facts which require interpretation. This article is the result of a syntactic study comparing this kind of constructions in English and in the Portuguese spoken by the people from the South-east of the state of Minas Gerais, in Brazil, more exactly, an area called Zona da Mata Mineira. I will refer to this dialect as PBM. Based on data from English and PBM, I demonstrate that the order V NP NP does not represent the same phenomenon in the two languages (or dialects). Thus, the analysis I suggest for the occurrence of V NP NP in PBM differs from those which have already been proposed for English and other languages which exhibit what I call genuine double object constructions (ODp). I propose that the two possible orders - V NP PP and V PP NP - are basic in PBM. V NP NP will result from the interaction of*

---

\* Texto resultante da dissertação de Mestrado com o mesmo título apresentada ao Curso de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem - Unicamp, no dia 02 de Setembro de 1996, sob a orientação da Profª Drª Mary A. Kato.

*distinct factors. One of them is syntactic and causes the order V PP NP. The other one is morpho-phonologic and its main consequence is the dropping of the vowel (preposition) a.*

## INTRODUÇÃO.

Neste artigo discuto as construções com dois complementos partindo de uma comparação entre este tipo de estrutura no inglês e no português do Brasil (**PB**). Chamo de construções dativas as que apresentam a seguinte ordem dentro do **VP**: verbo-sintagma nominal-sintagma preposicional (**V NP PP**). Tais construções são representativas do que Emonds (1993) chama de *romanized indirect objects*, ou seja, de objetos indiretos introduzidos na sentença através de uma preposição. O exemplo aparece em (1a) abaixo. Seguindo autores como Larson (1988) e Jackendoff (1990), chamo de construções com objeto duplo (**ODp**) as que apresentam um **VP** com a seguinte ordem: verbo-sintagma nominal-sintagma nominal (**V NP NP**). Este tipo de sentença tem poucas restrições no inglês<sup>1</sup> e vem a seguir, em (1b).

(1) a. I gave a book to the boy.

b. I gave the boy a book.

No **PB**, a ocorrência de construções dativas é bem mais freqüente. Assim, as sentenças que se vêem em (2a), abaixo, são muito mais comuns. Sentenças do tipo de (1b), ou seja, típicas construções de **ODp**, não são encontradas com facilidades quando se considera o **PB** de uma maneira geral. Dados como (2b), em que se tem a ordem **V NP NP**, têm aceitação limitada a apenas alguns de seus dialetos, entre eles o português falado na Zona da Mata Mineira, o **PBM**<sup>2</sup>.

(2) a. Eu dei o livro ao/ para o rapaz.

b. Eu dei o rapaz o livro

Ainda considerando-se o **PB** de um modo geral, entretanto, tem-se que a inversão pura e simples da ordem dos argumentos internos de um verbo pode ocorrer. Isto quer dizer que construções com dois complementos em que o objeto indireto, devidamente introduzido na sentença através de uma preposição, aparece entre o verbo e o objeto direto, formando algo do tipo de verbo-sintagma preposicional-sintagma nominal (**V PP NP**), não são raras nesta língua. As sentenças em (3) abaixo exemplifica esta situação:

(3) Eu dei ao/para o rapaz o livro.

Naturalmente, (2b) poderá ser tomada como o resultado deste mesmo tipo de inversão na ordem dos complementos do verbo, em um dialeto do **PB** como o **PBM**.

Sabe-se que a variação na ordem dos constituintes de uma sentença dá margem a propostas de análise distintas para tal sentença. Se o mesmo for verdade para o caso dos argumentos internos de um verbo, um dos caminhos a se percorrer poderá ser a admissão de que as sentenças (a) dos exemplos (1) e (2) representem uma ordem básica

<sup>1</sup> Uma destas restrições se manifesta com a presença de um **NP** indefinido do tipo de *a boy* na posição entre o verbo e o objeto direto.

<sup>2</sup> Heloísa Salles (comunicação pessoal) me apontou que os moradores de fazendas nos arredores de Goiânia também não consideram mal formadas as sentenças com a ordem **V NP NP**, como no **PBM**.

e as sentenças em (b) dos mesmos exemplos representem uma outra ordem básica. A outra possibilidade será admitir que uma das ordens seja a básica e a outra a derivada.

Uma boa parte das análises propostas para as construções com **ODp** do inglês segue a direção da hipótese de que há uma ordem básica e uma ordem derivada. Embora vários autores concordem quanto à proposta derivacional, alguns deles consideram a ordem **V NP PP** como básica (Larson, 1988) enquanto outros assumem que **V NP NP** seja a ordem básica (Aoun & Li, 1989). Uma visão contrária à proposta derivacional é apontada nos trabalhos de Jackendoff (1990) e Fujita (1996).

No que diz respeito ao **PBM** e ao **PB** de modo geral, não se pode dizer que um ou outro autor assuma uma ou outra análise da questão da ordem. Há poucos trabalhos sobre construções com dois objetos nesta língua. Ramos (1992) propõe que tanto a estrutura dativa quanto aquela com **ODp** derivem de uma mesma representação subjacente através, respectivamente, do movimento do objeto direto ou do objeto indireto para uma posição de especificador vazia.

Neste trabalho argumento em favor de que a ordem **V PP NP** no português brasileiro (**PB**) seja uma consequência do caráter de tópico que o objeto indireto tem quando ocupa a posição imediatamente pós-verbal. Esta propriedade discursiva do objeto indireto deve ter uma representação sintática particular.

Minha proposta é que esta não seja uma ordem derivada da ordem **V NP PP**, como sugere Larson (1988) para o inglês, nem, tampouco, a ordem básica da qual **V NP PP** será derivada, como propõem Aoun & Li (1989), também para o inglês. Além disso, **V PP NP** não pode ser derivada de uma estrutura de base comum às duas ordens superficiais, proposta feita por Ramos (1992).

É preciso que fique claro que entendo por derivada uma estrutura que resulte da aplicação de algumas operações a uma outra estrutura que seria, por assim dizer, a estrutura de base. Na análise que proponho, a representação estrutural da ordem **V PP NP** não será formada desta maneira e, portanto, não poderá ser classificada como derivada. Deverá, antes, ser uma estrutura de base independente, da mesma forma que a representação de **V NP PP**.

Tomando como base os exemplos em (2) e (3), procurarei responder às seguintes questões: 1) Será correto afirmar que a possibilidade de variação na ordem dos complementos de um verbo representa a ocorrência do mesmo fenômeno no inglês e no **PBM**? Se a resposta a esta pergunta for afirmativa, qualquer uma das análises propostas para o fenômeno no inglês deverá ser possível também para o **PBM**. Se for negativa, ou seja, se a variação na ordem dos constituintes complementos de verbo representar fenômenos distintos nas duas línguas, então uma outra pergunta se coloca: 2) Qual a representação sintática para as duas formas no **PBM**?

## 1. COMPARANDO OS DADOS DO INGLÊS E DO PB.

Scher (1996) apresenta uma descrição das sentenças com dois objetos do inglês segundo o que já foi anteriormente apontado por autores como Fillmore (1965), Kuroda (1968) e Grimshaw (1989), entre outros. Os dois primeiros ressaltam a distinção

existente entre construções de **ODp** que podem ser parafraseadas por sentenças dativas com *to* e as que têm paráfrase em sentenças dativas com *for*. Grimshaw (op.cit.), por sua vez, reduz a importância da distinção apontada por Fillmore (op.cit.) e Kuroda (op.cit.) e destaca a importância das relações temáticas para estas construções. Segundo a autora, uma construção com **ODp** poderá ocorrer se um dos argumentos internos do verbo for tematicamente marcado como *Alvo* ou *Transferência de posse*.

Depois de mostrar o funcionamento das construções com dois complementos no inglês, Scher (op.cit.) traz dados do **PB** e do **PBM** e os compara aos dados correspondentes do inglês. Esta comparação deixa claras as limitações de ocorrência de **V NP NP** no português do Brasil. Mesmo entre os falantes de **PBM**, as seqüências **V NP NP** e **V NP PP** parecem estar em variação livre. Uma limitação evidente à ocorrência da ordem **V NP NP** é o tipo de preposição que introduz o objeto indireto: **V NP NP** só ocorrerá se a preposição *a* for uma das possibilidades para o objeto indireto. Além disso, a distinção apontada por Fillmore (op.cit.) e Kuroda (op.cit.) não se verifica nos dados do **PBM**. Finalmente, ao contrário do que Grimshaw (op.cit.) observou para o inglês, este dialeto do **PB** não apresenta uniformidade quanto ao papel- $\theta$  atribuído ao objeto indireto quando a ausência da preposição é possível. O objeto indireto com a noção de *Alvo* ou *Transferência de posse* se realizará através de um **PP** ou de um **NP**. O que é curioso, é que, no caso de se realizar como um **NP**, o objeto indireto não ocupará, necessariamente, a posição imediatamente pós-verbal.

Esta descrição aponta particularidades em cada uma das línguas (ou dialetos) descritas e sugere a conclusão que a ordem **V NP NP** representa fenômenos distintos nas duas línguas em foco, em resposta à primeira pergunta colocada acima. Assim sendo, deve haver uma representação para o fenômeno no **PB** que seja diferente das que já foram propostas para o inglês.

## 2. PROVÁVEIS DETERMINANTES DA ALTERNÂNCIA DATIVA NO PB.

Uma vez que os dados apontam para uma distinção entre o que ocorre no inglês e o que ocorre no **PBM**, em relação à ordem **V NP NP**, o passo seguinte foi avaliar algumas hipóteses para o tratamento da alternância dativa no **PB** e no **PBM**. Foram consideradas algumas possibilidades de explicação para a ocorrência de **V PP NP** entre elas, a de que a presença do **PP** na posição imediatamente pós-verbal seria motivada prosodicamente (Zubizarreta, 1996); e a de que a ordem acima resultaria de um fenômeno de *scrambling* como sugerido por Demonte (1994) para o espanhol (**E**).

Zubizarreta (op.cit.) argumenta, com dados do francês, que a ordem **V PP NP** resulta do movimento de **PP**, um tipo de *scrambling* motivado prosodicamente. Para a autora, este movimento se realiza no componente fonológico pois a ordem resultante da computação no componente sintático é incompatível com as regras de boa formação prosódica. Como dito acima, a argumentação de Demonte (op.cit.), baseada em dados de escopo de quantificadores, propagação e natureza do foco, tem por objetivo mostrar que a ordem **V PP NP** no **E** é resultado de um processo de *scrambling* do objeto indireto para fora do **VP**.

Os dados do **PB** e do **PBM**, no entanto, revelam que nenhuma das duas análises mencionadas acima pode dar conta deles. Em outras palavras, nenhuma delas é suficiente para comprovar que a ordem de base de uma construção com verbo bitransitivo nesta língua (ou dialeto) seja **V NP PP**. Para estes dados, portanto, a hipótese de *scrambling* do **objeto indireto**, seja qual for a natureza deste movimento, não será apropriada.

Assim, optei por desenvolver a proposta de representação que apresento a seguir.

### 3. OS FATORES DETERMINANTES DA ORDEM V NP NP NO PBM.

A ordem **V NP NP** no **PBM** parece ser o resultado da interação de dois fatores distintos. Um deles, de natureza sintática, dá origem à ordem **V PP NP**. Como já disse, para mim, esta ordem não será derivada de **V NP PP** e nem tampouco será a ordem básica para **V NP PP**. Isto quer dizer que não haverá uma relação de derivação entre as duas ordens possíveis para os argumentos internos de um verbo.

Com base em Creider (1979), proponho que **V PP NP** no **PB** seja resultado do caráter de tópico do objeto indireto. Na análise que proponho, a representação sintática para **V PP NP** será uma estrutura de base da mesma forma que a representação de **V NP PP**.

Paralelamente ao fator sintático, tem-se a ação de um fator de natureza morfofonológica que tem como principal consequência a queda da vogal (preposição) *a* em contextos apropriados.

Creider (1979) discute algumas regras de movimento no inglês, entre elas a da alternância dativa. Através da análise do contexto extra-sentencial em que sentenças derivadas da aplicação destas regras de movimento podem ocorrer, o autor conclui que são fatores discursivos que determinam a existência e o formato de tais regras. Em relação, especificamente, aos casos de alternância dativa, o autor destaca os exemplos em (4) e (5).

(4) a. What did you do with the pennywhistle?

b. I gave the pennywhistle to George.

c. \* I gave George the pennywhistle.

(5) a. What did you give to George?

b. I gave George the pennywhistle.

c. \* I gave the pennywhistle to George.

(Creider (1979:6))

Para Creider, a alternância dativa que deriva a sentença em (4c) é imprópria pois o objeto indireto não foi estabelecido como tópico da pergunta em (4a). A interrogativa em (5a), no entanto, estabelece *George* como tópico. Logo, a alternância dativa pode se aplicar, uma vez que sua função é a de tornar algo um tópico e não um foco. De acordo com Creider (1979), isto equivale a dizer que a menos que o objeto indireto de uma sentença derivada por alternância dativa seja acentuado, ele nunca poderá fazer parte de uma asserção.

A natureza de tópico do objeto indireto sempre que este elemento ocupar a posição imediatamente pós-verbal parece estar presente também nas sentenças do **PB**. Observe os dados em (6) abaixo.

- (6) a. O que (que) ela deu pro irmão?  
b. Ela deu pro/ao irmão o retrato.  
c. Ela deu O RETRATO pro/ao irmão.  
d. Pro irmão ela deu o retrato  
e. \*Ela deu o retrato pro/ao irmão.

A sentença neutra em (6e) não responde (6a), mas a que se tem em (6c), sim. Esta última reflete o processo de desacentuação que sofreu o objeto indireto para que o acento principal da sentença pudesse recair sobre seu foco. (6b) e (6d), por sua vez, são boas respostas para (6a). O caráter de tópico que o constituinte *pro/ao irmão* assume na resposta em (6d) é bastante significativo. Isto pode comprovar que este constituinte foi estabelecido como tópico da pergunta em (6a), como Creider (op.cit.) assume para os dados correspondentes do inglês e, assim, funcionar como suporte para a proposta de análise que quero desenvolver aqui. Se tanto (6b) quanto (6d) são boas respostas para (6a), então será possível pensar que nos dois casos estamos diante de uma estrutura de tópico.

Kato (1993: cf. nota 1) esclarece que tópico na literatura não gerativista é quase sempre o que a Teoria Gerativa chama de Deslocado a Esquerda (**LD**) podendo ser associado ao conceito de Tópico de Discurso de Raposo (1986) (*apud* Kato (1993)). Assim, a sintaxe deverá ser capaz de dar conta deste traço discursivo que o objeto indireto apresenta nestes contextos de inversão do que se acredita ser a ordem canônica dos complementos.

Seguindo o que já começou a ser delineado, proponho que as duas ordens possíveis para os argumento internos dos verbos das construções com dois objetos no **PB** e no **PBM** (**V NP PP** ou **V PP NP**) sejam, cada uma delas, representativas de uma ordem de base distinta. Para a seqüência **V NP PP**, como em *dar um presente ao João* ou *entregar uma carta à menina*, assumo o que entendo ser a versão minimalista (Chomsky, 1995) para a representação do **VP** oracional proposta por Larson (1988) em que um verbo leve (*v*), sem conteúdo semântico, toma outro **VP** como complemento. Observe a representação em (7) abaixo:

- (7) [<sub>v</sub>max Spec V' [<sub>v</sub> v [**VP** [**NP** um presente] [<sub>v</sub>' [**VP** dar] [**pp** ao João ]]]]]].

Passo agora a sugerir uma explicação para as sentenças que apresentam a ordem **V PP NP**. Em minha proposta de representação para as sentenças com esta ordem, levo em consideração e assumo, como outros autores (Raposo (1986) *apud* Kato (1993)), a associação que se pode fazer entre a noção de tópico discursivo e uma construção sintática de **LD**.

Esta proposta se inspira em Kato (op.cit.) que propõe que a relativização seja um processo que se aplica ao **NP** em **LD**. Para explicar o Caso deste **NP** e baseando-se no fato de que o **IP** de uma construção com **LD** é uma asserção sobre o **NP** em **LD**, a autora propõe (Kato (1991) *apud* Kato (1993)) que todo **LD** se bifurca em núcleo **X<sup>2</sup> + NP**, podendo **X<sup>2</sup>** ser uma preposição, uma locução, um verbo ou um núcleo nulo. Como em (8):

(8) [IP [XP [X Ø] [NP a moça]<sub>i</sub>] [IP falei com ela <sub>i</sub> ontem]]

(Kato (1993:235))

Na representação que proponho, uma **LD** formaria uma mini-oração com um predicado como  $v^{max}$  e não com **IP**, como foi proposto por Kato para as relativas. Neste caso, então, é natural que  $v^{max}$  represente a asserção sobre o elemento em **LD**. Antes do movimento do verbo para **T** e do sujeito para seu especificador,  $v^{max}$  conterá elementos capazes de representar a asserção sobre este tópico. Uma sentença como *O João entregou ao pai a carta*, teria a seguinte representação:

(9) [<sub>v</sub><sup>max</sup> [XP ao pai]<sub>i</sub> [<sub>v</sub><sup>max</sup> o João [<sub>v</sub>'  $v$  [VP [NP a carta] [<sub>v</sub>' [<sub>v</sub> entregar] [pp e]<sub>i</sub>]]]]]]]

Uma das diferenças entre a representação em (7), para **V NP PP**, e a que proponho para **V PP NP** é que cada uma delas parte de uma numeração diferente. A representação para **V PP NP** parte de uma numeração que inclui todos os elementos presentes na numeração que leva à ordem **V NP PP**. Há, porém, duas particularidades na derivação que resultará em **V PP NP**: a numeração deverá incluir, ainda, um elemento resumptivo co-referente ao **PP** e este **PP** será um tópico.

Assim, a representação em (9), acima, traz o constituinte *ao pai* gerado na base em posição de **LD** que será co-referente a um elemento resumptivo dentro de **VP**, na posição de complemento de **V**. Sonia Cyrino e Mary Kato (comunicação pessoal) me apontaram que a sentença em que não há elipse do elemento resumptivo não parece ser mal formada.

(10) Eu dei ao pai um sapato pra ele.

Meu julgamento é o mesmo. No entanto, esta é, sem dúvida, uma estrutura muito pouco produtiva. De qualquer maneira, minha proposta prevê esta possibilidade, que seria uma “correspondente” da relativa copiadora descrita e explicada em Kato (1993).

Como no caso das contrações de *to* no inglês (*want to = wanna*, *going to = gonna*), proponho que o contexto fonológico apropriado para o apagamento da preposição (vogal) *a*, quando a ordem dos constituintes é **V PP NP** (11), se forma entre a sílaba final do verbo e esta preposição.

(11) O João entregou (*a/para/Ø*) o pai a carta.

Tem-se assim um contexto favorável à reestruturação silábica, pois a sílaba final da primeira palavra forma com a sílaba inicial da segunda uma seqüência Vogal-Vogal (**VV**). Assim, se a omissão da preposição ocorrer, ela poderá ser naturalmente explicada através da possibilidade de conversão destas duas sílabas em uma só.

#### 4. CONCLUSÃO

Em linhas gerais, o que fiz neste trabalho, foi propor que o caráter de tópico discursivo presente no objeto indireto das sentenças com dois complementos do **PB** em que este elemento se encontra imediatamente após o verbo tenha conseqüências evidentes na representação estrutural desta sentença.

A aparente semelhança entre sentenças do inglês do tipo de *Mary gave John a book* e sentenças do **PBM** do tipo de *A Maria deu o João um livro* me levou a desenvolver este estudo. A hipótese inicial de que se tratava do mesmo fenômeno nas duas línguas sugeria que um estudo comparativo levaria à conclusão de que uma análise proposta para o fenômeno no inglês poderia se aplicar também ao **PBM**.

A comparação entre as sentenças relevantes, no entanto, logo de início, revelou que há diferenças significativas entre os processos que resultam na mesma ordem de constituintes no inglês e no português do Brasil falado na Zona da Mata Mineira. Assim, a hipótese de que a ordem **V NP NP** em cada uma das línguas (ou dialetos) em foco resulta de diferentes processos começou a ganhar força e a comparação entre as duas línguas fornecia material para que uma nova hipótese fosse formulada, ao mesmo tempo que dava pistas da melhor direção a seguir para a verificação da correção da hipótese levantada.

Nesta etapa, foi importante a tentativa de aplicação das propostas formuladas para o inglês ou outras línguas aos dados do **PBM**. A distância entre os dois fenômenos aumentava a não ser por uma característica comum ao elemento que ocupa a posição entre o verbo e o objeto direto quando a ordem é **V NP NP** para o inglês ou **V PP NP** para o **PBM**: nestes dois casos, este elemento, o objeto indireto, tem como marca o caráter de tópico discursivo. Percebi que, embora distintos, os dois processos sintáticos têm uma origem comum.

Uma vez que o elemento representativo do tópico discursivo, em geral, pode ser associado a uma posição de **LD** na estrutura frasal no **PB**, o que fiz foi propor uma representação sintática para **V PP NP** nesta língua que será uma estrutura de base da mesma forma que a representação de **V NP PP**. Assim, não há razão para se pensar na ordem **V PP NP** como derivada de um movimento motivado prosodicamente ou de *scrambling* do objeto para fora de **VP**, qualquer que seja a motivação para este fenômeno.

A parte sintática da questão foi encaminhada desta forma. No entanto, os dados do **PBM** requeriam um explicação adicional. Como explicar o apagamento da preposição *a*? A observação e análise dos dados me fez concluir que, aliado ao fator sintático, há um fator morfo-fonológico que, em contextos adequados, favorece o apagamento da preposição.

A inovação desta proposta está em assumir uma estrutura de adjunção a **vP** para a representação do elemento deslocado, ou do tópico discursivo. A confirmação desta hipótese aponta para a ampliação dos contextos em que a construção com **LD** pode ocorrer no **PB**.

---

## BIBLIOGRAFIA

- AOUN J. & Y. A. LI (1989). "Scope and constituency". In: **Linguistic Inquiry**, 20:141-172.
- CHOMSKY, N. (1995). "Categories and transformations". In: N. Chomsky. **The minimalist program**, Cambridge: The MIT Press.
- CREIDER, C. A. (1979). "On the explanation of transformations". In: **Syntax and Semantics** 12: 3-21.

- DEMONTE, V. (1994). "On certain asymmetries between DOs and IOs". In: G. Cinque, J. Koster, J. Y. Pollock, L. Rizzi & R. Zanuttini (eds). **Paths towards Universal grammar. Studies in honor of Richard S. Kayne**, Washington: Georgetown University Press.
- DILLINGER, M.C.; GALVES, E. PAGOTTO & V. CERQUEIRA (1996). "**A complementação no português falado**". Manuscrito, Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, Campinas: Universidade Estadual de Campinas, Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina e Rio Branco: Universidade Federal do Acre.
- EMONDS, J. (1993). "Projecting indirect objects". In: **The Linguistic Review**, 10: 211-263.
- FILLMORE, C.J. (1965). "Indirect object constructions in English and the ordering of transformations". In: **Monographs on Linguistic Analysis**, 1. Paris: Mouton, The Hague.
- FUJITA, K (1996). "Double objects, causatives and derivational economy", In: **Linguistic Inquiry** 27: 146-173.
- GRIMSHAW, J. (1989). "Getting the dative alternation". In: I. Laka & A. Mahajan (eds.). **The MIT Working Papers in Linguistics**, 10: 113-122.
- JACKENDOFF, R. (1990). "On Larson's treatment of the double object construction". In: **Linguistic Inquiry**, 21: 427-455.
- KATO, M.A. (1991), publicado em 1993. "The distribution of pronouns and null elements in object position in Brazilian Portuguese". In: W. Ashby, M. M. G. Perissinotto & E. Raposo (orgs.). **Linguistic perspectives on the romance languages**, Amsterdam: John Benjamins.
- \_\_\_\_\_. (1993). "Recontando a história das relativas em uma perspectiva paramétrica". In: I Roberts & M. A. Kato (orgs.). **Português brasileiro: Uma viagem diacrônica**, Campinas, Editora da UNICAMP.
- KURODA, S.-Y. (1968). "Indirect object constructions in English and the ordering of transformations". Resenha, In: **Language**, 44: 374-378.
- LARSON, R. (1988). "On the double object construction". In: **Linguistic Inquiry**, 19: 335-91.
- RAMOS, J. (1992). **Marcação de caso e mudança sintática no português do Brasil: uma abordagem gerativa e variacionista**. Tese de Doutorado, Campinas: UNICAMP.
- RAPOSO, E.P. (1986). "On the null object in European Portuguese". In: O. Jarggli & C. Silva-Corvalán (eds.). *Studies in romance linguistics*. Dordrecht: Foris.
- SCHER, A.P. (1996). **As construções com dois objetos no inglês e no português do Brasil: um estudo sintático comparativo**. Dissertação de Mestrado, Campinas: UNICAMP.
- ZUBIZARRETA, M.L. (1996). **Prosody, focus and word order**. Manuscrito, USC.